

O potencial das narrativas hipertextuais como metodologia pedagógica para o ensino de jornalismo

Jean Carlos da Silva Monteiro
Sanny Fernanda Nunes Rodrigues
Antônio Augusto de Freitas Gonçalves Moreira

RESUMO

O avanço da globalização e da *web 2.0* e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) passaram a influenciar as redações de jornalismo, bem como impactar nos processos de produção, transmissão e consumo da notícia. Essas mudanças aconteceram não somente no âmbito profissional, mas também na formação acadêmica do jornalista do futuro. Pela necessidade de um profissional multimídia, o curso de jornalismo passou por diferentes mudanças curriculares para aperfeiçoar o conteúdo que é ministrado em sala de aula às novas tendências do mercado de trabalho, inserindo temáticas, em seu currículo, como ‘Práticas de Jornalismo Multimídia’ e ‘Cultura das Mídias’, na perspectiva de discutir a atual revolução tecnológica e suas implicações no fazer jornalismo no século XXI. Diante disso, viu-se a possibilidade de trabalhar com as Narrativas Hipertextuais como metodologia pedagógica, tendo em vista que ela interliga em uma mesma rede diferentes blocos de conteúdo (texto, imagens, vídeos, áudios e infográficos) e proporciona a flexibilidade cognitiva. A aprendizagem com as Narrativas Hipertextuais se faz necessária tanto na prática educativa e formadora desses profissionais, como na prática social e na complexidade procedimental para lidar com a variedade e quantidade de informação e recursos tecnológicos produzidos nos espaços de atuação. Este trabalho faz uma revisão de literatura para refletir sobre o papel das Narrativas Hipertextuais enquanto metodologia pedagógica no processo de ensino-aprendizagem de alunos de jornalismo. Esta pesquisa observou que as Narrativas Hipertextuais propiciam interação e construção colaborativa de conhecimento em sala de aula, além de desenvolverem habilidades para escrever, ler, interpretar textos, hipertextos e lidar com as TIC no atual cenário da Era da Convergência que a sociedade tem presenciado.

Palavras-chave: Tecnologias de Informação e Comunicação. Narrativas Hipertextuais. Ensino de Jornalismo. Educação Multimídia.

1 Introdução

A sociedade do século XXI, também conhecida como “Sociedade da Informação”, “Sociedade do Conhecimento” ou “Sociedade da Aprendizagem” (CASTELLS, 2003; HARGREAVES, 2003; POZO, 2004), tem como características grande fluidez de dados em rede, resultado da revolução tecnológica, que todos os dias amplia o acesso às informações, gerando maior distribuição de possi-

bilidades educacionais para bilhões de pessoas através de recursos midiáticos disponibilizados pela Internet (TOFFLER, 2002; COUTINHO; LISBÔA, 2011). Nesta sociedade, as pessoas convivem em um contexto de constante transformação educacional. Para além da sala de aula, a aprendizagem agora acontece também à distância (*e-Learning*, *b-Learning*, *m-Learning*), mediada pelo computador, pelo celular, *tablet*, *i-pod* e *laptops* (LITTO, 1999; ROSEMBERG, 2001; BOTTENTUIT JUNIOR, 2011). As informações transitam com mais velocidade e por diversos espaços midiáticos através das TIC, que abrem espaços para aprendizagem, promovendo e estimulando competências cognitivas deste século.

As competências cognitivas para o século XXI envolvem estratégias e processos de aprendizagem, comunicação, criatividade, memória, colaboração e pensamento crítico (GOMES, 2017). Em relação ao elemento comunicação da competência cognitiva (PRENSKY, 2001; RIFKIN 2001; BALIAN, 2009; CIRIACO, 2009; TAPSCOTT, 2010), as pessoas agora têm acesso a diversos ambientes permeados de ferramentas digitais, de fácil uso, muitos deles gratuitos. Nasce, então, uma cultura (ou mais) em que as pessoas estão crescentemente navegando pelas inúmeras possibilidades ofertadas pela Internet. A cada dia essa cultura gradativamente se instala, pois vivemos em um novo momento em que a maneira de comunicar está mais descentralizada e distribuída (SHINYASHIKI, 2012; MONTEIRO, 2014).

Nesta cultura, muitas pessoas passam bastante tempo com o computador ligado e interagindo simultaneamente em diversas plataformas na *web*, em janelas que oferecem imagens, *podcasts*, músicas, infográficos, vídeos e *links* em um mesmo hipertexto, denominado aqui de Narrativas Hipertextuais (TAPSCOTT, 2010). Para além da Educação, essas mudanças – ocorridas com o avanço da globalização e da *web 2.0* e o uso das TIC – passaram a influenciar o campo da comunicação, em especial a área do jornalismo. As Narrativas Hipertextuais se tornaram tendência no mercado e a necessidade de profissionais para trabalhar com esse tipo de narrativa se tornou ainda maior.

Para acompanhar essa tendência e formar profissionais cada vez mais multimídia, viu-se a possibilidade de trabalhar com as Narrativas Hipertextuais como metodologia pedagógica no ensino de jornalismo. Para isso, este estudo faz uma revisão de literatura para refletir sobre o papel das Narrativas Hipertextuais no processo de ensino-aprendizagem e analisa de que forma essa metodologia pode contribuir para a formação do jornalista do futuro, dando enfoque, principalmente, às competências que ele precisa adquirir (desenvolver) para lidar com as TIC no atual cenário de convergência midiática (BALIAN, 2009).

2 Ensino de jornalismo: revendo as práticas, reformulando o currículo

No Brasil, a graduação em Jornalismo foi instituída em 13 de maio de 1943. Completando 74 anos no sistema da educação superior, o curso já passou por diversas mudanças curriculares para aperfeiçoar o conteúdo que é ministrado para o jornalista do futuro (MENDONÇA, 2013). As discussões sobre as metodologias do ensino de Jornalismo são anualmente pautadas pelo Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ).

Em 2009, o Fórum elaborou o projeto das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de Jornalismo, homologado em 2013 pelo então ministro da Educação, Aloizio Mercadante. Desde então, o curso de Jornalismo vem inserindo algumas discussões transversais em seu currículo,

como a ‘História da Cultura e da Sociedade no Mundo Contemporâneo’, ‘Cultura das Mídias’, ‘Cultura Empreendedora’ e ‘Práticas de Jornalismo Multimídia’, para discutir a atual revolução tecnológica e suas implicações no fazer jornalismo na atualidade.

As TIC surgem em sala de aula para relativizar teorias e facilitar entendimento sobre o fazer jornalismo em todos os processos de captação, transmissão e distribuição das informações na modernidade (RODRIGUES, 1999). Mas para que isso aconteça é necessário oferecer aos alunos o maior número possível de recursos e estímulos, compreendidos em novas metodologias, ou seja, desenvolver práticas pedagógicas que façam uso destes recursos de maneira criativa e eficaz nos processos de aprendizagem (CHAVES, 1995).

Na academia, as TIC colocam problemas novos e inesperados ao Jornalismo. Talvez os mais complexos e desafiadores residam nos novos papéis que o mundo globalizado e informacional atribui ao Jornalismo e, de modo particular, às redações convencionais. O domínio das tecnologias se faz necessário tanto na prática educativa e formadora desses profissionais (nos espaços de aprendizagem), como na prática social e na complexidade procedimental para lidar com a variedade e quantidade de informação e recursos tecnológicos produzidos (nos espaços de atuação profissional). Portanto, propiciar a interação e a construção colaborativa de conhecimento das TIC amplia, entre alunos de jornalismo, o potencial de incitar o desenvolvimento de habilidades e competências importantes para a sua formação e atuação no mercado de trabalho, que cada vez mais se apropria das ferramentas disponíveis no ciberespaço (MENDONÇA, 2013).

Neste momento em que se estudam metodologias pedagógicas para o ensino de jornalismo surge a possibilidade de trabalhar com as Narrativas Hipertextuais, também conhecidas por outros autores como narrativas hipertextuais, narrativas interativas, narrativas mediáticas, narrativas multimídia, *digital storytelling* ou narrativas em ambiente digital (SOARES, 2009; CIRINO, 2010; JESUS, 2010; PERRECINI, 2010). Investigações afirmam que elas podem ser utilizadas como uma estratégia de aprendizagem no processo de letramento digital de alunos de jornalismo, pois acredita-se que esse tipo de produção de narrativa possibilita que o uso das TIC e da Internet se faça em uma lógica de produção e não de mero consumo da informação disponível na rede global (COUTINHO, 2010).

Na próxima seção explicita-se o conceito de Narrativa Hipertextual e suas características. Em seguida, mostra-se o resultado deste estudo, no qual se apresentam as contribuições dessa nova linguagem para o compartilhamento de novos saberes e como ela pode se transformar numa metodologia pedagógica para o ensino de jornalismo. Pensa-se neste processo como um conjunto de habilidades indispensáveis para que o indivíduo possa ser “[...] inserido na realidade, para compreendê-la e, também, para alterá-la, como ferramentas do entendimento [...]” (SCHOLZE; RÖSING, 2007, p. 14). Ou seja, para que tenha competências para ser colaborador na sua própria aprendizagem.

3 Narrativas hipertextuais: conceito, características e etapas de produção

As narrativas foram utilizadas, desde os seus primórdios, como ferramenta para conhecimento e valores, bem como pinturas, imagens, escrituras, livros, etc. (LUNCE, 2011). Hoje em dia, com as TIC, as narrativas se intensificaram, ganharam maiores proporções e oferecem um leque de potencialidades de multiletramento aos que se propõem utilizar essas ferramentas. Para entender esse novo contexto, em que o ato de contar uma história vai para além do uso da escrita e de imagens, é preciso

entender o conceito de Narrativa Hipertextual, seus elementos e como ocorre a composição multimodal dessas narrativas, utilizando hipertexto e linkagem.

A convergência entre linguagem escrita, oral, sonora e outras, unificada em uma única plataforma, facilita as formas de letramento mediado pelas tecnologias, disseminando suas múltiplas formas e configurando novas linguagens. Por meio de tais plataformas, onde a leitura torna-se fragmentada e partilhada por indivíduos conectados entre si, configuram-se as Narrativas Hipertextuais (JESUS, 2010).

O conceito de narrativa ainda é muito complexo, mas Jesus (2010) nos propõe analisar pelo lado imagético-cognitivo. Assim sendo, ele diz que “[...] um texto narrativo deve criar um mundo e preenchê-lo com caracteres e objetos. Logicamente falando, esta condição significa que o texto narrativo se baseia em proposições que atribuem propriedades a essas existências [...]” (JESUS, 2010, p. 27). Entende-se, então, que a narrativa perpassa a dimensão linguística, uma vez que ela possibilita, ainda, a construção de imagens mentais – variedades de signos - por seu receptor (RYAN, 2004; JESUS, 2010).

Essa possibilidade de construção imagético-cognitiva “[...] leva o conceito de narrativa para além dos limites das representações verbais [...]” (JESUS, 2010, p. 28), fazendo com que imagens, vídeos, sons, animações, infográficos, músicas, etc., tenham também a capacidade de gerar, transmitir e acrescentar novos significados (BRUNER, 1990; JESUS, 2010). Olhando pela vertente pedagógica, chegou-se à conclusão que a narrativa, seus elementos e características são uma ferramenta poderosa e com grande potencial quando utilizada como metodologia no processo de aprendizagem (COSTA; BOTTENTUIT JUNIOR, 2016).

A Era Digital, ou seja, aquela que surgiu a partir da segunda metade do século XX – com o surgimento da rádio e da televisão, e mais recentemente com os computadores e a *Internet* – trouxe consigo multiformas de contar histórias, bem como gerar uma evolução na narrativa. O conceito de Narrativa Hipertextual nasceu em 1990, reunindo um conjunto de recursos multimídia em uma mesma história (OHLER, 2008).

O ato de narrar está inteiramente atrelado ao ato de se contar uma história, que se desenvolve de forma linear, em ordem cronológica e sob controle de quem a desenvolve (PAUL, 2007, p. 137). Segundo Gosciola (2008), a produção da narrativa depende excepcionalmente de dois fatores: os personagens e as ações. Porém, a Narrativa Hipertextual recebe peculiaridades do espaço digital. Para Paul (2007), a produção de conteúdo digital dispõe da colaboração, competência necessária para o jornalista deste século.

3.1 Classificação e características do hipertexto

Para melhor definir as características do hipertexto, Lara (2001), Monterice (2001), Primo (2003), Aquino (2005) e Magnabosco (2009), em uma análise mais aprofundada sobre as pesquisas de Lévy (1993), explicam que a classificação do hipertexto se dá por meio de seis princípios, que possuem entre si uma associação na sua forma estrutural. Segundo o princípio da metamorfose, o hipertexto encontra-se em constante mudança, tanto na sua forma estrutural quanto na renegociação dos sentidos da composição, extensão e configuração da hipertextualidade. Em alguns casos, a estrutura fica estabilizada por algum tempo; porém, Lévy (1993; 1999; 2016) explica que este princípio é fruto de um trabalho que

busca constantemente uma estabilização. Os blocos de conteúdo em que se organiza o conhecimento estão em transformação permanentemente (PRIMO, 2003).

Pelo princípio de heterogeneidade, a organização das informações na Narrativa Hipertextual, bem como suas conexões, possui uma característica de heterogeneidade entre si (LARA, 2001). Os blocos de conteúdo (texto, imagens, vídeos, áudios e infográficos), que se vinculam, são diferentes uns dos outros, qualitativamente, na sua estrutura textual, e na padronização espaço-gráfica do ambiente visual. Levy (1993; 2016) apontou este princípio como o mais próximo da percepção humana. Ele ressalta que o usuário da Internet possui diferentes associações e a heterogeneidade na composição dos conteúdos promove maior variedade de conexões (CAVALCANTE, 2004).

O princípio da multiplicidade articula a organização do hipertexto pelo encaixe das escalas de conteúdo. Cada conexão pode revelar novos percursos, traçar novos caminhos, conectando mais links, a partir de novas associações. Neste princípio, uma conexão leva a outras conexões, revelando um universo hipertextual, no qual cada link de hipertexto é um fragmento de outro hipertexto (MIELNICZUK, 2005).

No princípio da exterioridade, o hipertexto não possui uma unidade orgânica. A construção, definição e manutenção da Narrativa Hipertextual depende, impreterivelmente, de um agente (usuário). A estruturação do hipertexto está sujeita à administração do agente, na condição operacional entre usuário-máquina (PRIMO, 2003; AQUINO, 2005).

De acordo com o princípio da topologia, o funcionamento das escalas de conteúdo hipertextual se dá por aproximação. A rede é constituída por distintos caminhos/percursos de conexões de hipertexto; porém, suas ligações (os elos) são formadas a partir da proximidade existente entre os conteúdos (LÉVY, 1993; LARA, 2001). Esses elos obedecem a ligações diretas, com temáticas da mesma narrativa, ou indiretas, com assuntos transversais ao tema. Neste princípio, a rede não está no espaço: ela é o espaço de interação.

Pelo princípio da mobilidade dos centros do hipertexto, a rede possui uma estrutura onde a organização de seus conteúdos não está subordinada a uma hierarquia. Este princípio é aquele que, segundo Lévy, assume a principal característica da ideia de hipertexto, pois há múltiplos conteúdos, bem como diversos centros, que são perpetuamente móveis. Essa organização hipertextual é realizada de acordo com o fluxo da narrativa e da dinâmica da leitura (LÉVY, 1996; MONTERICE, 2001; MAGNABOSCO, 2009).

Os estudos sobre as características do hipertexto não estão concluídos. A partir de um clique sobre o link, uma nova janela se abre e o conteúdo hipertextual assume uma nova característica. Cada informação, nessa nova narrativa, adquire, de acordo com sua estrutura, um novo princípio, conforme a classificação de Lévy (2016). Segundo Joyce (1998, p. 284), “[...] com o texto eletrônico, sempre estamos pintando, cada tela destrói a anterior e o substitui por ela mesma. A sombra de cada letra morta proporciona a forma vivente do que o substitui [...]”

Para Corradi et.al. (2001) e Dias (2016), as narrativas hipertextuais também apresentam, ainda, características pedagógicas a partir da potencialidade do seu principal elemento, o hipertexto, que consiste em uma nova forma de comunicação utilizando links e permite múltiplas interpretações, além de respeitar diferentes níveis, estilo e ritmo de produção do hipertexto e permite a criação do conhecimento, favorecendo a autonomia, a criatividade, desenvolve raciocínio lógico e determina comprometimento na sua criação.

Outras características pedagógicas são a integração do conhecimento com ambientes de informática, com a realidade tecnológica a atual, diferentes disciplinas e conteúdos e seu potencial em relacionar competências como organização, observação, questionamento, reflexão e tomada de decisões (MONTEIRO, 2014; LÉVY, 2016; COSTA; BOTTENTUIT JUNIOR, 2016).

É fato que a cada dia surgem centenas de novas leituras no ciberespaço. Cada narrativa do ciberespaço possui suas próprias características, e os leitores são desafiados pelas transformações digitais e, principalmente, pelas mudanças advindas das novas textualidades. O hipertexto, suas características e as novas relações entre novo autor e novo leitor transformam a cada dia a comunicação na Internet.

3.2 Etapas de produção de uma Narrativa Hipertextual

O processo de produção de uma Narrativa hipertextual requer seguir um conjunto de etapas. Lambert (2003), Robim (2005), Bull e Kadjer (2005), Morra (2013) e Cardoso (2014) discorrem sobre essas etapas, mas nem todos oferecem a mesma sequência. Após algumas leituras, apresenta-se uma compilação do passo a passo para produção de uma Narrativa Hipertextual com enfoque pedagógico, que pode ser aplicado em um ambiente educativo para formação do jornalista.

- a. **Minicurso:** Nesta etapa é importante realizar minicurso para compreensão do conceito de Narrativa Hipertextual, informando como se constroem essas narrativas, as ferramentas utilizadas para produção delas, pesquisa e fazer uma análise de narrativas já criadas disponíveis na Internet.
- b. **Temática:** Definir o tema da Narrativa Hipertextual, que pode ser escolhido pelos alunos ou atribuído pelo professor, onde se desenvolve uma atividade de pesquisa e seleção de conteúdos informativos com qualidade e pertinentes, permitindo ao mesmo tempo que os alunos aprofundem os seus conhecimentos sobre o tema que se vão basear para escrever a narrativa.
- c. **Criação:** Criar uma Narrativa Hipertextual para colocar em pauta o planejamento do conteúdo que será inserido na narrativa.
- d. **Esboço:** Organização gráfica da Narrativa Hipertextual. Após a criação da narrativa, segue-se a etapa destinada à composição do storyboard, com a elaboração de uma série de esboços, utilizando os diversos tipos de mídia.
- e. **Pesquisa:** Nesta etapa realiza-se pesquisa e edição dos recursos multimídia. Os alunos vão nesta etapa reunir os recursos multimídia, as imagens, o áudio, os vídeos e infográficos necessários para contar a sua história.
- f. **Edição:** Montagem dos recursos multimídia. Todos os recursos são ordenados, acrescentando-se efeitos especiais e de transição.
- g. **Veiculação:** Publicação da Narrativa Hipertextual, onde o produto final desenvolvido é publicado na Internet através de um canal online, para partilha com todo o curso, pois se entende que publicar o produto final online atua como um fator de motivação adicional nos alunos durante todo o processo de criação da narrativa.
- h. **Análise:** Apresentação e reflexão sobre o processo de criação das Narrativas Hipertextuais, com a finalidade de apresentar uma reflexão pelos alunos sobre o processo desenvolvido e sobre o produto criado, na qual são indicadas as dificuldades que sentiram, o que aprenderam, o que poderia ser melhorado num próximo trabalho, entre outros aspectos considerados pertinentes.

Essas etapas mostram o quanto os alunos podem usar a comunicação, criatividade, colaboração

e pensamento crítico em cada momento de criação da Narrativa Hipertextual, utilizando elementos multimodais como imagens, música, vídeos, *links*, infográficos, *podcasts*, efeitos sonoros e visuais. Diante das competências do século XXI, as Narrativas Hipertextuais promovem a autoria múltipla e a produção colaborativa. Além de serem aptidões necessárias para o jornalista, elas acompanham as tendências do mercado de trabalho na área da Comunicação, que demanda cada vez mais um profissional multimídia e que saiba realizar trabalho em grupo.

4 Narrativas hipertextuais como metodologia pedagógica no ensino de jornalismo

Na Sociedade da Informação (CASTELLS, 2003; HARGREAVES, 2003; POZO, 2004; COUTINHO; LISBÔA, 2011), contexto em que vivemos, os professores já começaram a utilizar a hipertextualidade como metodologia de aprendizagem, a fim de diversificar e inovar a prática pedagógica do letramento, possibilitando ao aluno a experiência de utilizar novas práticas pedagógicas que facilitam a reflexão, criação e intercâmbio de conhecimento (LÉVY, 1993; MONTEIRO, 2014). Essa mudança vem acontecendo porque os professores encontram-se todos os dias com alunos que utilizam a Internet como espaço de comunicação, publicação, diversão e colaboração. Todavia, é importante refletir sobre a forma como esse meio multimidiático e diversificado tem sido aproveitado, em toda sua potencialidade, por professores e alunos.

De que forma as Narrativas Hipertextuais podem atuar como metodologia pedagógica? E quais as contribuições dessa narrativa no ensino de jornalismo? As Narrativas Hipertextuais possuem características particulares que podem atuar de forma significativa no processo de aprendizagem e manter uma relação com principais características do jornalista futuro, que são:

- a. **Estar conectado:** As Narrativas Hipertextuais atuam como ferramenta de pesquisa, que conecta um leque de materiais de referência através de imagens, *podcasts*, músicas, infográficos, vídeos e *links*. Mas para que essa narrativa exista, é necessário estar conectado e ter conhecimento das técnicas de criação, edição e veiculação na Internet (FIGUEIREDO 1999; SILVA, 200; MONTEIRO, 2014).
- b. **Ter curiosidade:** Na academia, as Narrativas Hipertextuais são vistas como uma ferramenta que oferece a entrada de novos recursos pedagógicos. Em relação ao jornalismo, elas aguçam o lado curioso de alunos que todos os dias navegam pelas redes, interagindo informações e diferentes tecnologias (DIAS, 2000; SAMPAIO; LEITE, 2001).
- c. **Colaboração:** As Narrativas Hipertextuais têm por natureza seu caráter colaborativo. Pedagogicamente, professor e aluno precisam participar ativamente, seja como redator ou editor da narrativa. Assim sendo, os dois colaboram e tornam-se parceiros na aquisição e intercâmbio de conhecimento (MARTOS, 2001; PRIMO, 2003; CIRINO, 2010).
- d. **Comunicar-se com clareza:** Ao ter contato com as Narrativas Hipertextuais em sala de aula, o aluno vai interagir com uma rede de conhecimentos. É uma característica dessa narrativa a não linearidade, ou seja, livre caminho pelos níveis de conteúdo. Para que isso aconteça, é importante que os hipertextos sejam inseridos de forma didática, compreensiva e se comunicar com clareza para que o usuário possa criar sua própria trajetória pela informação sem ruídos cognitivos (DIAS, 2000; GOMES, 2011; MONTEIRO, 2014).
- e. **Profissional multimídia:** Criar uma Narrativa Hipertextual em sala de aula significa procurar, analisar, selecionar, ler, interpretar e produzir conteúdo multimidiático. Nessa mesma perspectiva,

acontece o trabalho do jornalista na atualidade. Ele precisa ter conhecimento sobre os recursos disponíveis em rede, sobretudo no que diz respeito às várias linguagens que a web oferece, a nova gramática texto-audiovisual imagética que surge com o hipertexto (SILVA, 2002; XAVIER, 2005).

Como vimos, além de serem uma metodologia pedagógica no atual processo de aprendizagem, as Narrativas Hipertextuais promovem melhor formação e qualificação do jornalista do século XXI, ainda mais quando se trata das competências de que ele precisa para atuar no mercado de trabalho. Registra-se o estudo de Spiro e Jehng (1990), para quem a importância do hipertexto na educação se dá por proporcionar flexibilidade cognitiva, ou seja, a capacidade que o aluno tem de usar a criatividade para lidar com, adaptar-se a, ou resolver, tarefas mutáveis no processo de aprendizagem. Para que esse desenvolvimento tenha êxito, o aluno precisa de inúmeras representações do conhecimento para, assim, ter melhor recepção do que está sendo transferido em sala de aula (PEDRO; MOREIRA, 2000).

Apesar de serem analisadas enquanto ferramenta facilitadora na transmissão e na busca de novas informações, as Narrativas Hipertextuais são pouco utilizadas em sala de aula e, no campo do jornalismo, a sua produção ainda é mínima. O site Wikinews, portal de notícias da Wikipédia, com maior influência entre os jornalistas e os internautas, é um tipo de plataforma que atende aos requisitos de um site que pratica a produção de Narrativas Hipertextuais e de escrita colaborativa que ainda não utiliza todos os recursos multimidiáticos que a Internet oferece (PRIMO, 2003; MIELNICZUK, 2005; PAUL, 2007; TRÄSEL, 2007).

5 Comentários finais

Este estudo ainda se encontra em fase de desenvolvimento. Contudo, ao final desta revisão bibliográfica, evidenciaram-se algumas questões para refletir sobre as Narrativas Hipertextuais como metodologia pedagógica no ensino de jornalismo. Professores e alunos estão vivenciando um momento diferente dentro da academia com a inserção das TIC no processo de aprendizagem. Isso porque algumas metodologias pedagógicas, como a utilização de Narrativas Hipertextuais, objeto deste estudo, estão reformulando o currículo educacional e revendo novas práticas com enfoque na formação do jornalista do futuro.

O uso das Narrativas Hipertextuais no processo formativo do jornalista promove melhor aprendizagem dos alunos em dois aspectos: um deles remete para a compreensão do conteúdo lecionado, uma vez que a construção dessas narrativas requer um planejamento didático, pensado na colaboração de todos os envolvidos; o segundo tem a ver com o letramento digital, já que produzir uma narrativa desse porte demanda o conhecimento sobre as inúmeras possibilidades textuais que as ferramentas digitais oferecem. Verificou-se, ainda, que as Narrativas Hipertextuais abrem uma variedade de interação com as mídias digitais. Essa interatividade responde à demanda que o atual mercado de trabalho jornalístico exige. Dá-se então as contribuições dessas narrativas, que se fazem necessárias tanto na prática educativa e formadora desses profissionais, como na prática social e no seu ambiente de trabalho.

Diante desses comentários, almeja-se que este estudo, ainda incipiente, fomenta novas investigações sobre a implementação das Narrativas Hipertextuais em sala de aula, em especial com alunos de jornalismo, para que adquiram o domínio das tecnologias, dos recursos digitais e das possibilidades textuais oferecidos pela web.

The potential of hypertextual narratives as a pedagogical methodology for the journalism teaching

ABSTRACT

The advance of globalization and the explosion of web 2.0 and Information and Communication Technologies (ICT) began to influence newsrooms, as well as impact on the processes of production, transmission and consumption of news. These changes took place not only in the professional field, but also in the academic formation of the journalist of the future. Due to the need of a multimedia professional, journalism courses underwent different curricular changes to improve the content that is taught in the classroom in view of the new trends of the labor market, inserting, in its curriculum, topics like 'Practices of Multimedia Journalism' and 'Culture of the Media', with a view to discussing the current technological revolution and its implications for doing journalism in the 21st century. In view of this, it was possible to work with Hypertextual Narratives as a pedagogical methodology, since they interconnect different blocks of content (text, images, videos, audios and infographics) in the same network and provides cognitive flexibility. Learning with Hypertextual Narratives is necessary both in the educational practice and training of these professionals, as in social practice and procedural complexity to deal with the variety and quantity of information and technological resources produced in the spaces of action. This paper reviews the literature to reflect on the role of Hypertextual Narratives as a pedagogical methodology in the teaching-learning process of journalism students. This study observed that Hypertextual Narratives provide interaction and collaborative construction of knowledge in the classroom, as well as the development of skills in writing, reading, interpreting texts, hypertexts and dealing with ICT in the current scenario of the Convergence Age that society has been witnessing.

Keywords: Information and Communication Technologies. Hypertextual Narratives. Teaching Journalism. Multimedia Education.

REFERÊNCIAS

AQUINO, M. C. Um mapeamento histórico do hipertexto: surgimento, desenvolvimento e desvios da aplicação da escrita hipertextual. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 3., 2005. **Anais...** Novo Hamburgo: Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2005.

BALIAN, Olga C. A. O desafio na gestão da geração Y. **RHnews**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 160, p. 6, jun.2009. Disponível em: <http://www.abrhrj.org.br/typo/fileadmin/user_upload/RHNEWS/rh_news_160_junho.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2017.

BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. **Concepção, Avaliação e Dinamização de um Portal Educacional de WebQuests em Língua Portuguesa**. 2011. 637 f. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação, Área de Conhecimento de Tecnologia Educativa) - Universidade do Minho, Instituto de Educação, Braga, 2011.

BRUNER, J. S. **Acts of meaning**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

BULL, G., KADJER, S. Constructing Digital Stories. **Learning & Leading with Technology**, v. 32, n. 5, 2005. (International Society for Technology in Education).

CARDOSO, Angélica Schriewer Miranda Pinheiro. **A utilização de Narrativas Digitais no ensino de Multimídia Aplicação num curso vocacional do 3º ciclo**. 2014. 140 f. Monografia (Relatório da Prática de Ensino Supervisionada) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/17759>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CIRIACO, Douglas. O que é a geração z?. **Tecmundo**, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/curiosidade/2391-o-que-e-a-geracao-z-.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

CHAVES, Eduardo O.C. **O computador na educação e informática: Projeto Educom**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1995.

CIRINO, N. N. Narrativas Interativas no Cinema: repensando as estratégias de roterização. **Revista Eletrônica Telemática**, ano 4, n. 7, jul. 2010. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2010/Julho/narrativas_interativas_cinema.pdf>. Acesso em: 08 out. 2016.

CORRADI, F.M et al, **Nós, links e redes**. Revista de Biologia e Ciências da Terra: 2001. Disponível em: <<http://joaootavio.com.br/bioterra/workspace/uploads/artigos/nos-5155c7bde6bee.pdf>>. Acesso em 01 abr. 2018.

COSTA, Lívia Mariana; BOTTENTUIT JÚNIOR, João Batista. Narrativas digitais na educação: uma revisão sistemática das produções acadêmicas em língua portuguesa. **Revista Tecnologias na Educação**, ano 8, n. 17, v. 17, dez. 2016. Disponível em: <<http://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2016/09/Art19-ano8-vol17-dez2016-.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

COUTINHO, C. P. Storytelling as a Strategy for Integrating Technologies into the Curriculum: An Empirical Study with Post-Graduate Teachers. In: MADDUX, C.; GIBSON, D.; DODGE, B. (Ed.). **Research Highlights in Technology and Teacher Education 2010**. Chesapeake, VA: [s.n.], 2010. p. 87-97.

COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para a educação no século XXI. **Revista de Educação**, v. 18, n. 1, 2011, p. 5-22.

DIAS, A. M. P. **Hipertexto**: o labirinto eletrônico: uma experiência hipertextual. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~hans/mh>>. Acesso em: 25 out. 2017.

DIAS, C. A. Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais. **Ciência da Informação**, Brasília: v. 28, n. 3, p.269-277, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651999000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 abr. 2018.

FIGUEIREDO, Nice. **Paradigmas modernos da ciência da informação**. São Paulo: Polis, 1999.

GOMES, L. F. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

GOMES, Patrícia. **Conheça as competências para o século 21**. São Paulo: Porvir, 2012. 2 p. Disponível em: <<http://porvir.org/conheca-competencias-para-seculo-21/>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para as novas mídias: do cinema às mídias interativas**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2008.

HARGREAVES, Andy. **O Ensino na Sociedade do Conhecimento: a educação na era da insegurança**. Porto: Porto Editora, 2003. (Coleção Currículo, Políticas e Práticas).

JESUS, A. G. **Narrativas digitais: uma abordagem multimodal na aprendizagem de inglês**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Minho, Braga. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/14496>>. Acesso em: 27 out. 2017.

JOYCE, Michael. Sustituyendo al autor: un libro en ruinas. In: NUNBERG, Geoffrey (Comp.). **El future del libro**. Barcelona: Paidós, 1998. p. 279-302.

LAMBERT, J. **Digital Storytelling Cookbook**. [S.l.]: Centro de Digital Storytelling, 2010. Disponível em: <<http://www.storycenter.org/cookbook.html>>. Acesso em: 29 out. 2017

LARA, Isabela. **Hipertexto: o universo em expansão**. Brasília, DF: UnB, 2001. Disponível em: <www.unb.br/fac/ncint/site/index.html>. Acesso em: 29 out. 2017

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. Do hipertexto opaco ao hipertexto transparente. In: XAVIER, Antônio Carlos. *et al.* **Hipertexto e Cibercultura: links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais**. São Paulo: Respel, 2016.

LITTO, F. M. O Ensino a Distância no Mundo. In: Seminário de Ensino a Distância da Pontifícia. Associação Brasileira de Educação a Distância ABED, 1., 1999. **Anais...** São Paulo: Universidade Católica de Campinas, Setembro, 1999.

LUNCE, C. Digital Storytelling as an Educational Tool. **Indiana Libraries**, Indiana State University, v. 30, n. 1, 2011.

MAGNABOSCO, Gislaine Garcia. Hipertexto: algumas considerações. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. **Anais...** Maringá, 2009, p. 1389-1398.

MARTOS, J. Hipertexto e processos comunicacionais na construção do saber a distância. In CABRAL, Loni G. *et al* (Org.): **Linguística e ensino: novas tecnologias, coletânea de textos**. Blumenau: Nova Letra, 2001.

MENDONÇA, J. C. A. **Novos Suportes Midiáticos no Ensino de Jornalismo: uma proposta didática com TIC para a Prática Curricular**. [S.l.]: Academiaedu, 2013. Disponível em: <http://www.academia.edu/6274036/novos_suportes_midiaticos_no_ensino_de_jornalismo>. Acesso em: 04 jan. 2017.

MIELNICZUK, Luciana. O Link como recurso da narrativa jornalística hipertextual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

MONTEIRO, J. C. S. Hipertexto: a linguagem da nova geração. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 20 mai. 2014. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitosdesfeitas/_ed799_a_linguagem_da_nova_geracao/>. Acesso em: 30 out. 2017.

MONTERICE, Érica Simone. **Um estudo sobre o hipertexto eletrônico**. Juiz de Fora: UFJF, 2001. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/%C3%89ricaSimone3.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2017.

MORRA, Samantha. **8 Steps to Great Digital Storytelling**. [S.l.]: Edteacher, 2017a. 6 p. Disponível em: <<http://edtechteacher.org/8-steps-to-great-digital-storytelling-from-samantha-on-edudemic/>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

OHLER, J. **Digital Storytelling in the classroom: new media pathways to literacy, learning and creativity**. Thousand Oaks: Corwin Press, 2008.

PAUL, Nora. Elementos das narrativas digitais. In: FERRARI, Pollyana. (Org.). **Hipertexto, hiper-mídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PEDRO, L.; MOREIRA, A. **Os Hipertextos de Flexibilidade Cognitiva e a planificação de conteúdos didáticos: um estudo com (futuros) professores de Línguas**. Aveiro, 2000. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4794527.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

PERRECINI, Mirco. As Narrativas Digitais: Questões Estéticas e Relatos de Patologias nas comunidades Virtuais. **Educativa**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 11-44, jan./jun. 2010.

POZO, Juan Ignacio. A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. **Revista Pátio**, Educação ao Longo da Vida, ano 7, n. 31, ago./out. 2004. Disponível em: <http://www.revistapatio.com.br/sumario_conteudo.aspx?id=386>. Acesso em: 19 jan. 2017.

PRESNSKY, M. Digital native, digital immigrants. **Onthehorizon**, v. 9, n. 5, p. 1-6. Disponível em: <<http://www.marcpresnsky.com/.../presnsky%20-%20digital%20natives,%20digital%20immigrants%20-%20part1.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2017.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da Wikipédia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA COMUNICAÇÃO, 7., 2003. **Anais...** Porto Alegre, 2003. Disponível em: <http://pesquisando.atraves-da.net/hipertexto_cooperativo.pdf>. Acesso: 01 nov. 2017.

RIFKIN, J. **A era do acesso**. São Paulo: Pearson-Makron Books, 2001.

ROBIN, B. **A multilevel approach to using digital storytelling in the classroom**. In: CRAWFORD, C. *et al.* (Ed.). Proceedings of Society for Information Technology & Teacher Education International Conference 2005. Chesapeake, VA: AACE, 2005. p. 708-716.

RODRIGUES, Ana Maria Moog. Por uma filosofia da tecnologia. In: GRINSPUN, Mirian; ZIPPIN, P. S. (Org.). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1999.

ROSEMBERG, M. J. **E-learning: strategies for delivering knowledge in the digital age**. The Knowledge Magazine Series. [S.l.]: McGraw-Hill, 2001.

RYAN, Marie-Laure. Introduction. In: RYAN, Marie-Laure. (Ed.). **Narrative Across Media: The Languages of Storytelling**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004. p. 1-40.

SAMPAIO, Marisa Narciso; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tânia M. K. A escrita e a leitura: fulgurações que iluminam. In: SCHOLZE, Lia; ROSING, Tania M. K. (Org.). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília, DF: INEP/UPF, 2007, p. 9-16.

SHINYASHIKI, Eduardo. **Educação e as crianças da geração Z**. [S.l.: s.n.], 2012. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/informativo/educacao-e-as-criancas-da-geracao-z/26948/>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

SILVA, N.; MACIEL, D.; ALCOFORADO, A. **Hipertexto em sala de aula: um caminho para a interdisciplinaridade?**. São Paulo: UNESP, 2002b. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/revista/artigo12-nad>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

SOARES, Rosana de Lima. Narrativas Digitais: desvios do jornalismo no ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 17, jun. 2009, p. 95-106.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. São Paulo: Record, 2002.

TRÄSEL, Marcelo. Gatekeeping no jornalismo digital: o caso Wikinews. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA EM JORNALISMO, 3., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2007.

MINIBIOGRAFIA

Jean Carlos da Silva Monteiro

Mestrando em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão. Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Faculdade Estácio de São Luís. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologias Digitais na Educação, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação do Jornalista e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: falecomjeanmonteiro@gmail.com.

Sannya Fernanda Nunes Rodrigues

Pós-doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão. Doutora e Mestra em Multimédia em Educação pela Universidade de Aveiro. Especialista em Coordenação Pedagógica e graduada em Pedagogia pela UFMA. Professora Adjunta do Departamento de Educação e Filosofia da Universidade Estadual do Maranhão e professora permanente do Mestrado em Cultura e Sociedade. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologias Digitais na Educação, Grupo de Pesquisas em Currículo da Educação Básica, Grupo de Estudo sobre Formação de Professores, Grupo de Pesquisa em Comunicação, Educação e Sociedade e do Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Digitais. E-mail: sannyafernanda@hotmail.com.

António Augusto de Freitas Gonçalves Moreira

Pós-doutor, Doutor e Mestre em Didática de Línguas Estrangeiras pela Universidade de Aveiro. Diretor do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro e professor do curso de especialização, mestrado e doutorado em Multimédia em Educação. Vice coordenador do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento do Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores. Pesquisa Hipertexto de Flexibilidade Cognitiva em Aprendizagem, Comunidades de Prática e Instrução de Acesso Aleatório. E-mail: moreira@ua.pt.